

ANARQUISMO E

FEMINISMO NO MÉXICO

CONSEQUÊNCIAS INESPERADAS DA ANARQUIA FRENTE AO FEMINISMO NO MÉXICO¹



"Você é ótima arranhando meu trabalho... espero que tudo se resolva com seu ato"

José Manuel Núñez A. autor da obra de Madero²

"Se não posso dançar, não quero ser parte da revolução"

Emma Goldman

"Se não podemos ser violentas, não é nossa revolução"

Manada de lobxs

¹ Escrito por Afinidades Conspirativas [N.T.]

² Eventualmente, José Manuel Núñez, teve que se retratar de seu comentário e declarar-se a favor das mobilizações feministas, certamente, não porque refletiu sobre estas, mas pelo impacto negativo que tiveram suas declarações em sua imagem.

A multiplicidade de formas que os anarquismos assumiram nas últimas décadas nos leva a repensar as tendências e estratégias que estão se reconfigurando ou emergindo dentro destes e sua influência em outras lutas. Aqui, torna-se necessário distinguir um princípio que se mantém nos anarquismos e que os mantém fora da fauna liberal ou esquerdista que se supõe ácrata. Poderíamos definir tal princípio como uma ética que se torna uma afronta a qualquer forma de poder hierárquico, construída a partir do comum na individualidade. Portanto, entender o anarquismo hoje como uma ideologia seria uma miopia que leva a conceber aberrações como "anarcocapitalismo" ou entender o zapatismo e muitas formas de feminismo como anarquistas. Pensando nestes últimos, valeria a pena recordar Emma Goldman que se opôs às mulheres sufragistas de seu tempo (primeira onda do feminismo), por entender que a liberdade não poderia ser conquistada nas urnas. Hoje em dia os feminismos são tão diversos, há reformistas com simpatia pelo Estado, com visões autoritárias e essencialistas sobre o corpo, assim como outros totalmente liberais, unidos sob o manto da ausência de uma crítica contundente ao poder, mas também dentro deles há alguns que se articulam sob uma ética anarquista.

Breve cronologia do movimento

As mobilizações feministas em diferentes partes do mundo se intensificaram, na América Latina tornaram-se mais evidentes após a irrupção da chamada "onda verde" que, em 2018, clamava



pela descriminalização do aborto na Argentina. No México, sua influência foi rapidamente notada. Marchas e performances feministas (como "*un violador en tu camino*"³) viraram tendência nas redes sociais e espaços públicos. Nos locais de trabalho, nos centros educacionais, nas instituições e até mesmo nos espaços esquerdistas ou anarquistas, a denúncia anônima surge como ferramenta política, para expor qualquer forma de agressão entendida como "violência de gênero". Fato que enfraqueceu as posições dos anarquistas, pois algumas vezes recorreram à justiça do Estado para atacar os agressores e muitos deles até se tornaram ávidos legitimadores do processo de justiça exigindo provas ou demandas oficiais para reconhecer ou não sua agressão. Diminuindo a possibilidade de pensar ou criar formas de resolver esses processos sem a necessidade do Estado.

Nesse contexto é que agora vemos uma ligação bastante estreita entre anarquismos e feminismos, não podemos determinar quais posições, coletivos ou individualidades devem ser reconhecidos como anarcofeministas, pois estão em constante processo de consolidação e reformulação. Em 16 de agosto de



Fachada da delegacia durante o protesto

³ A canção "*un violador en tu camino*" (um estuprador em seu caminho) que em toda a América Latina e outras partes do mundo foi cantada acompanhada de uma performance, foi escrita por um grupo de meninas originárias do Chile chamado "*Las tesis*". Sem dúvida, esse ato impulsionou fortemente as mobilizações feministas, criando quase um hino. Sua letra nos lembra da violência diária que recai sobre os corpos femininos. No entanto, no início do ano elas se envolveram em um escândalo, onde supostamente formavam um partido político, embora com o passar dos dias tenham saído para desmentir isso, ainda que tenham deixado claro seu apoio às mulheres que decidiram tomar esse caminho.

2019, na Cidade do México, uma mobilização foi convocada por diferentes grupos, coletivos e coletivas para exigir justiça para uma jovem que foi estuprada por policiais, a qual terminou com uma insurreição de mulheres que vandalizaram imóveis públicos e com a queima de uma delegacia.⁴

Nela, o Estado exibiu uma repressão com “perspectiva de gênero” típica da agenda progressista que mantém. Nos primeiros dias de julho de 2020, um protesto foi montado em frente ao palácio nacional pelos familiares das mulheres assassinadas que não encontraram justiça nas instâncias correspondentes. Em meio à pandemia, os casos de feminicídio e violência doméstica aumentaram, diante disso, o presidente manteve uma postura machista e conservadora, negando esses fatos de forma cabal e promovendo a venda de passagens para a rifa do avião presidencial, como era de se esperar diversos setores se sentiram agravados. Assim, um ano após o incêndio da delegacia, um bloco negro de menos de 200 mulheres se manifestou novamente em 16 de agosto, abrigadas pelo calor de 1.600 *granaderas*⁵ que as atacaram sutilmente. Eventualmente, a ocupação em frente ao palácio nacional foi retirada, pois estava sob constante perseguição das autoridades, além do fato de que o mau tempo não ajudava.

No dia 2 de setembro deste mesmo ano, na sede da Comissão Nacional de Direitos Humanos (CNDH), localizada no centro histórico a poucos quarteirões do palácio nacional, encontrava-se María Isela Valdez, que se ajoelhou diante do presidente para pedir justiça pelo desaparecimento de seu filho em 2014. Nesta ocasião, María Isela, juntamente com Marcela Alemán e Silvia Castillo, mães de uma menina vítima de estupro e de um jovem assassinado, respectivamente, compareceram perante Rosario Piedra, atual chefe do CNDH, que não as atendeu porque não trouxe sua pasta de pesquisa bem formulada. Diante dessa recusa, Silvia ameaçou se suicidar e Marcela decidiu se acorrentar à cadeira.

⁴ Mais informações sobre essa insurreição em:

<https://anarkadistra.noblogs.org/files/2021/09/Notas-sobre-o-dia-16-de-agosto-Mexico-pdf-leitura.pdf> [N.T.]

⁵ No México, os *granaderos* eram unidades de polícia especializadas em operações antidistúrbios, ou seja, controle de multidões, manifestações e grandes eventos esportivos ou culturais. Em 2018, a chefe de governo da capital mexicana, Claudia Sheinbaum, anunciou a extinção do corpo policial de *granaderos*, dizendo estar cumprindo uma das demandas históricas do movimento estudantil de 1968, com o intuito de erradicar os vícios na operação dos *granaderos*, buscando por uma “polícia mais cidadã” que “cuide” do povo e não o reprima, como se a própria polícia em si não fosse o problema. [N.T.]

Rosario Piedra, a CNDH e os tentáculos do poder



Inauguração do cargo de Rosario Piedra junto ao presidente

Agora, quem é Rosario Piedra? Ela é filha da ativista Rosario Ibarra, uma das primeiras mães a empreender a busca de seu filho, Jesús Piedra, que foi preso em 1974 por supostamente estar envolvido em um assassinato perpetrado pela "Liga comunista 23 de setembro"⁶. Desde então, liderou a busca pelo filho, fundando o Comitê de Defesa dos Presos, Perseguidos, Desaparecidos e Exilados Políticos (Comitê Eureka!). Atualmente, a irmã de Jesús Piedra é a chefe da organização que supostamente busca garantir que os direitos humanos sejam respeitados, ungida pela mão do presidente, é que ela chega a esse cargo. Diante disso, devemos nos perguntar: como a dor de perder um irmão nas mãos do Estado se transforma no desejo de um cargo de governo? Embora possa nos repreender dizendo que busca uma melhoria social esperando que sua dor não se repita em outra pessoa, essa melhoria nunca sairá dos parâmetros que convém ao Estado ou às mãos do capital, portanto, não podemos esperar mais do que uma boa administração e gestão de nossas vidas por elxs. Como anarquistas, nenhum funcionário público ou governo será capaz de nos oferecer a liberdade que ansiamos, muito menos a justiça que clamamos.

⁶ Jesús Piedra, que esteve nos círculos da Liga Comunista 23 de setembro, foi acusado pela Direção Federal de Segurança (DFS) de haver participado no falho sequestro do empresário Eugenio Garza Sada que terminou com a morte deste. Depois disso, seus pais foram detidos e torturados para que dessem a localização de seu filho, eventualmente Jesús foi detido pela DFS e nunca mais se soube dele.

A Okupa “Ni una Menos” uma agulha no coração do Estado



Fachada da Okupa Ni una menos, localizada na rua República de Cuba #60, a apenas algumas quadras da Catedral Metropolitana, da Secretaria de Relaciones Exteriores e do Palácio Nacional

Após o encadeamento de Marcela Alemán, feministas começaram a chegar às instalações do CNDH para apoiá-la até que no dia 4, diversas coletivas entraram e tomaram conta do prédio proclamando-o como uma “Okupa”, posteriormente as primeiras mulheres que iniciaram o protesto se retiraram das instalações. Nos dias que se seguiram, renomearam o local chamando-o de “Okupa ni una menos”, intervindo nas paredes e nas pinturas de figuras históricas como Francisco I. Madero ou Morelos, fato que enfureceu o presidente.



Quadros intervistos pelas okupantes, em que se destaca o de Francisco I. Madero, pois historicamente se firmou como um apóstolo da democracia. Assim, a indignação do presidente com esse ato está no fato de seu governo usar esse personagem como símbolo moral

Esse fato estimulou mais mulheres a agir contra outras instalações da CNDH em outros estados. Uma delas foi a tomada da sede da Comissão de Direitos Humanos do Estado do México (CODHEM) em Ecatepec em 10 de setembro, buscando repetir a ação, chegaram a invadir as instalações, porém, na madrugada do dia seguinte chegou a polícia para removê-las violentamente do



Instalação da CODHEM enquanto se incendiava

espaço e em veículos não oficiais, levando-as em detenção⁷. Diante desses fatos, a Okupa Ni Una Menos se pronunciou repudiando as ações do governo, por outro lado, algumas individualidades decidiram ir às instalações naquele mesmo dia para vandalizá-la e acabar queimando-a.

Sob essa conjuntura, no sábado, dia 12, um grupo de mulheres encapuzadas tomou a estação de metrô chabacano, exigindo o fim do assédio policial aos vendedores informais que entregam seus produtos no metrô.⁸



Círculo de mulheres durante a vandalização do metrô em solidariedade com quem vende nas instalações desse transporte

⁷ Ecatepec é um município do Estado do México sendo uma das geografias mais violentas para as mulheres, grande parte dos assassinatos de mulheres que ocorrem no país são registrados nessa zona.

⁸ Diante dos estragos econômicos produzidos pela pandemia, muitas pessoas optaram pela compra/venda de itens online. Conseqüentemente, para evitar maiores gastos, tanto quem compra quanto quem vende fazem as transações pessoalmente, utilizando o metrô como ponto de encontro. No entanto, nos últimos meses a polícia começou a prender aqueles que realizam essas práticas, sob o argumento absurdo de que os vendedores ambulantes são incentivados, pois encobrem ou participam de máfias de ambulantes dentro das instalações do metrô.

Em 14 de setembro, a "Manada Periferia" realiza uma ação em uma ponte de pedestres no Valle de Aragón, Nezahualcóyotl, Estado do México. Paralelamente, na Okupa Ni Una Menos, é realizada a "*Antigrita*"⁹ com programação artística cultural e encontro com algumas mães aflitas, neste evento a senhora Yesenia Zamudio, que encabeça a frente "*ni una menos*", se mostra autoritária e no dia seguinte, foram tornados públicos alguns atritos que posteriormente levaram a uma ruptura interna entre as facções dentro da ocupação. Uma delas, chamada "*Okupa Bloque Negro*"¹⁰ foi quem se dissociou de Zamudio principalmente por dar nomes de algumas companheiras expondo sua integridade e por apontar um uso indevido do dinheiro arrecadado e apoiando Erika Martínez mãe de uma menina de 7 anos que foi estuprada. E embora parecesse um declínio no processo, na madrugada do dia 18 manifestantes tomaram as entradas da Ciudad Universitaria e incendiaram imóveis locais, danificando dois veículos de vigilância e realizaram pinturas em resposta à prisão de Elis Hernández, que foi presa em abril passado por sua suposta participação no incêndio de um prédio da FES Acatlán (atualmente já liberada). Até a data, a Okupa Ni Una Menos está aparentemente enraizada, sendo habitada por mulheres, crianças e algumas pessoas idosas. Ao longo deste mês, o espaço manteve-se aberto ao público em geral, oferecendo várias oficinas e realizando eventos como "*la mercadita*" (onde as mulheres podem vender vários produtos), mas mantendo uma posição separatista.

⁹ Prática antagonista ao grito de independência para dar visibilidade à violência sofrida por mulheres no país. [N.T.]

¹⁰ Vale lembrar que o "*bloque negro*" (black bloc) é uma estratégia de enfrentamento direto caracterizada por uma organização informal, ou seja, carece de estrutura para a livre ação dos que o compõem. O qual, nos últimos anos, se tornou bastante midiático e devido a desinformação da mídia oficial, acredita-se que seja um grupo ou organização formal. Embora, nesta ocasião, o grupo ou coletivo "Okupa Bloque Negro" se refira a um grupo que se enuncia sob esse nome.

Repressão policial sob o seio de Atenas



Esquadrão Atenas no encapsulamento em 27 de setembro

No dia 27 deste mesmo mês, numa marcha que não reuniu mais de cinquenta mulheres que saíram da Okupa Ni Una Menos, por ocasião da descriminalização do aborto no país, várias dezenas de mulheres *granaderas*, principalmente, as encapsularam por pelo menos um par de horas, para que fossem finalmente retiradas para a Okupa. Cabe destacar que vários quarteirões do centro da Cidade do México estão murados e protegidos por esquadrões policiais em vários pontos, devido às mobilizações que estavam previstas para a memória do ocorrido em Ayotzinapa há 6 anos¹¹ e do 2 de outubro¹². Desde 2019, a convocação

¹¹ “Em 2014, na noite de 26 de setembro, 42 estudantes da Escola Normal Rural ‘Raul Isidro’ de Ayotzinapa foram atacados pela polícia do estado de Guerrero e desapareceram.” Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/26/apos-8-anos-do-caso-ayotzinapa-militares-sao-condenados-e-familiares-acusam-pacto-de-silencio> [N.T.]

¹² Referência ao Massacre de Tlatelolco, que “ocorreu durante um verão de manifestações cada vez maiores na Cidade do México em protesto contra a realização dos Jogos Olímpicos de 1968 na cidade. As forças armadas do México abriram fogo contra civis desarmados em 2 de outubro de 1968, matando um número indeterminado, provavelmente centenas de estudantes. O massacre

de *granaderas* pelo Estado para conter ou intimidar as mobilizações feministas tornou-se uma estratégia sutil para apaziguar aos olhos da cidadania a repressão que se mantém principalmente sobre as mulheres.

Para isso, na capital do país está o grupo Atenas, pertencente à Secretaria de Segurança Cidadã (SSC) chefiada por Itzania Otero, que tomou a iniciativa de lidar com os protestos de mulheres, sempre acompanhadas por policiais do sexo masculino, que se encontram atrás delas como reforço. Em outros estados, essa mesma estratégia começa a ser observada, seria preciso ser bastante ingênuo para pensar que uma mulher policial é um mal menor, porém, mesmo dentro das próprias mobilizações há quem veja com bons olhos que o garrote¹³ seja empunhado por uma mulher e não por um homem.



Itzania Otero, Chefe das Atenas

A jornada realizada no dia seguinte, pelo Dia de Ação Global pelo Acesso ao Aborto Legal e Seguro, foi ofuscada pelo circo midiático encenado pelos meios oficiais devido à briga entre manifestantes e as Atenas, já que um meio de comunicação apresentou a imagem de uma mulher deste agrupamento chorando. No que disseram as autoridades, esse destacamento não utiliza gás lacrimogêneo ou outros meios para conter as manifestações, porém, dezenas de fotos mostram como o utilizam, além do depoimento das próprias manifestantes. Assim, essa Atena se encontra chorando por causa do gás lançado por suas companheiras e não porque foi atacada por uma feminista.

ocorreu na Praça das Três Culturas, na seção de Tlatelolco.” Wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Tlatelolco [N.T.]

¹³ Artefato de origem espanhola utilizado como instrumento de tortura e execução. O garrote era aplicado ao pescoço da vítima, mantida imóvel e amarrada a uma cadeira. [N.T.]



Do lado esquerdo, outra das comandantes das Atenas que já foi vista em diferentes mobilizações

Réplicas em outros estados



O olhar midiático que leva as boas consciências a pedir mais mão firme contra as mulheres

Em 5 de setembro, cerca de 40 mulheres que protestavam foram presas no estado de Chihuahua, enquanto se manifestavam pacificamente. No dia 10 do mesmo mês, mulheres feministas tomaram e vandalizaram a sede do CNDH em Michoacán em apoio às coletivas da CDMX, nesse mesmo dia em Tabasco e Aguascalientes foram feitas ocupações simbólicas na sede do

CNDH, da mesma forma, em Puebla se manifestaram fora da sede desta organização. No dia seguinte, as mulheres assumem as instalações do CNDH no porto de Veracruz em apoio à Okupa Ni Una Menos. Em 13 de setembro, em Monterrey, elas se manifestaram na Comissão Estadual de Direitos Humanos (CEDH). Junto com a *antigrita* na capital do país em Tijuana, um evento semelhante foi realizado no Centro Cultural de Tijuana (CECUT), onde se manifestaram e pintaram slogans. Um dia depois, em Guadalajara, uma concentração foi convocada e uma *Antigrita* foi realizada na Rotonda de los Jaliscienses Ilustres. Finalmente, na madrugada do dia 18 na cidade de Xalapa, o Instituto das Mulheres de Veracruz foi vandalizado. Até o momento, mais atos dessa natureza foram registrados em mais partes do país.



Detenção de mulheres por parte da polícia em Chihuahua



Ocupação das instalações da CNDH Puebla



Intervenção em escritórios da CNDH em Veracruz



Fachada do Instituto das Mulheres de Veracruz vandalizada em Xalapa

Rotas à deriva: Anarquismos, feminismos ou anarcofeminismos



A influência das diferentes correntes do anarquismo no século XXI tem sido notada em diferentes processos e mobilizações sociais, o que não significa necessariamente que sejam anarquistas por excelência. David Graeber, o "antropólogo anarquista" falecido no início de setembro, comentou a mesma coisa, sem levar em conta o lado oposto, as posições e influências dos movimentos que articularam estratégias anarquistas dentro de seu repertório de ações. Consequentemente, é preciso não perder de vista esse ponto, já que diferentes grupos sociais da esquerda progressista se apropriaram de ambos os discursos, práticas e até mesmo uma estética ácrata, sem realmente formular e propor algo concreto contra o poder, já que sua real intenção é ser parte disso. Gerando um pseudo-anarquismo, carente de um *ethos* antiautoritário que, em prol de uma suposta transformação revolucionária, gera concessões ao poder pela institucionalização de demandas e canalização da raiva para o cadafalso da legalidade, ampliando os cofres do Estado e criminalizando aqueles que transcendem sua lógica.

Com base nisso, nas mobilizações feministas no México, elas se vestem de preto com lenço verde ou roxo, reivindicando direitos e clamando por justiça. Muitxs dão a esse processo uma leitura anarquista e, embora haja uma influência direta de ideias anarquistas, também há ideias cidadãs. O clamor por ver mulheres enfrentando as Atenas não deve nos cegar para o que está acontecendo. Por outro lado, a história do anarquismo nos mostra como anarquistas de diferentes épocas e latitudes estiveram ligados a mobilizações sociais que carecem de ideais anarquistas. Aqui encontramos uma aposta em comum, o aperfeiçoamento do indivíduo dentro de um estado de opressão e, bem aqui, está uma diferença fundamental, como realizá-lo: seguindo os parâmetros de civilidade e legalidade da época ou os contestando e assumindo os riscos, não pedindo migalhas, mas arrebatando a paz dxs detentorxs do poder. Então a pergunta seria: quais são os parâmetros nos quais buscamos essas melhorias? Será que essas melhorias não servirão para nos manter felizes no âmbito do domínio?

Em pleno século XXI, é claro que muitxs anarquistas têm sido vinculados a processos judiciais cidadãos, mas por que isso está acontecendo? E por que xs anarquistas gostam de atuar em processos reformistas? Tais respostas são complexas, mas tomando o exemplo do anarco-sindicalismo¹⁴, podemos dizer que como anarquistas sempre buscaremos a liberdade de uma forma ou de outra, seja abandonando a vida que eles oferecem ou melhorando as condições de vida onde nos encontramos, com xs nossxs e a partir das nossas afinidades, isso não é claro porque haverá momentos em nossas vidas em que nos inclinaremos mais para um lado, conforme acharmos necessário. Ser estudante é um processo pelo qual muitxs anarquistas passaram, momento de aprendizado ou perda de tempo para algumxs, no sentido de colocar em prática as ideias anarquistas; somar-se a um conflito social é uma experiência que serviu para revitalizar nossas posições, repensá-las, ajustá-las ou talvez esquecê-las. Então, o que as atuais mobilizações feministas nos deixam? Onde as colocamos e sobretudo onde nos posicionam, como anarquistas, que desqualificamos ou aplaudimos suas lutas?

¹⁴ Deve-se enfatizar que não estamos defendendo o retorno de um anarco-sindicalismo, mas sim o tomamos como exemplo de uma proposta anarquista que teve seu contexto específico e que atuou sob um paradigma sedicioso que não podemos traçar hoje, uma vez que o sindicalismo foi perfeitamente integrado ao sistema, criando o corporativismo e a pacificação da luta de classes. As perspectivas anárquicas mais atuais têm reconhecido a centralidade do trabalho como parte das correntes que oprimem nossas vidas.

Aquelxs que compõem o Coletivo *Bloque Negro* se encontram em um cenário perigoso que pode minar sua autonomia e sua perspectiva antiautoritária, pois até hoje estão pedindo doações de todos os tipos, mas uma doação econômica feita pela empresária Beatriz Gasca poderia questionar sua qualidade de anarquistas, já que essa intervenção obscurece toda a crítica ao poder que os anarquismos carregam, já que sua sororidade não leva a confrontar a totalidade do regime de dominação, já que até a empresária pediu à Chefe de Governo da CDMX Claudia Sheinbaum que atendesse às demandas das okupantes. Não acreditamos que seja necessário explicar aqui por que uma empresária não pode ser considerada dentro de uma luta anarquista. Enquanto algumxs saem desses processos sociais convencidxs de que nossa proposta mais forte é o conflito com a autoridade, recriando nossas vidas nessa situação, escapando do controle e projetando uma alegria negadora, outrxs embarcam em uma viagem sem retorno no navio estatal. Assim, veremos (e vimos) exemplos repetidos uma e outra vez, como o de Rosario Piedra, caminho que Erika Martínez poderia empreender se não abrisse bem os olhos ou se suas conclusões não concretizassem a ruptura antiestatal.



Erika Martínez liderando uma mobilização

Se como anarquistas não temos consciência dos limites de nossas intervenções sociais, as narrativas que não buscam uma ruptura contra o poder em si acabarão por nos apontar e nos instrumentalizar. Isso fica muito claro com a

narrativa da criminalização e estigmatização do aborto clandestino por parte de importantes setores feministas, afirmando que essa "liberdade" ou "direito" deve ser praticado por meio do Estado, sob rigorosa vigilância com perspectiva de gênero, direcionando a defesa da conquista pela via burocrática, assumindo *a priori* que qualquer aborto fora do quadro da legalidade "feminizada" não é desejável, é insalubre e inseguro a ponto de torná-lo "ilegal" novamente. Do ponto de vista anarquista, a criminalização deve ser combatida, seja ela projetada positiva ou negativamente. Legal ou ilegal, com ou sem recursos do Estado (e contribuintes), o aborto será praticado e assim o defenderemos. Não podemos enxugar o suor da testa e terminar com um suspiro vitorioso ao ver o aborto legalizado, pois sua legalização é atribuída às circunstâncias político-sociais do momento, que em um piscar de olhos, pode desmoronar na medida em que o patriarcado e as posições conservadoras enfrentam isso.

Por isso é importante nestas águas revoltas vislumbrar a maneira de não ser pegxs nas redes dxs "pescadorxs" do poder. A capacidade de negação, destruição e revolta das mobilizações de mulheres (e não só nas mobilizações, mas também em outros tipos de intervenções como as parteiras, os círculos de mulheres, a recuperação da medicina natural, etc.) são as que têm posto em cheque o sistema de valores patriarcais, é a tensão gerada o que incomoda o poder. Transformar a liberdade de escolha em um "fato" ao invés de um "direito" em qualquer esfera da vida é uma tarefa que deve partir do nosso cotidiano, a solidariedade entre mulheres, a cumplicidade, o combate ao machismo e ao estupro por meio da ação direta é o que realmente transformará nossa individualidade e o que faz com que o medo mude de lado. Isso significa que não se utilize as clínicas estaduais de aborto? Não! Elas serão usadas com impudência e necessidade, sem o fardo pela eterna contradição a que a realidade nos submete, sem por isso assumir o projeto estatal e capitalista, sem deixar de projetar pelos meios necessários a autogestão de nossas lutas e abandonar a busca do consenso social geral. O capitalismo nos venderá o aborto como mais uma mercadoria, como fez com o feminismo, o queer, o veganismo e uma longa lista de posições e atividades, depende de nós que a faca anárquica não perca o fio.



Que o medo mude de lado!
Sem lideranças nem dirigentes!
Sem mundos rosas para camuflar a autoridade!
Sejamos tão livres que nem sua legalidade possa nos controlar!
Sejamos livres e selvagens!

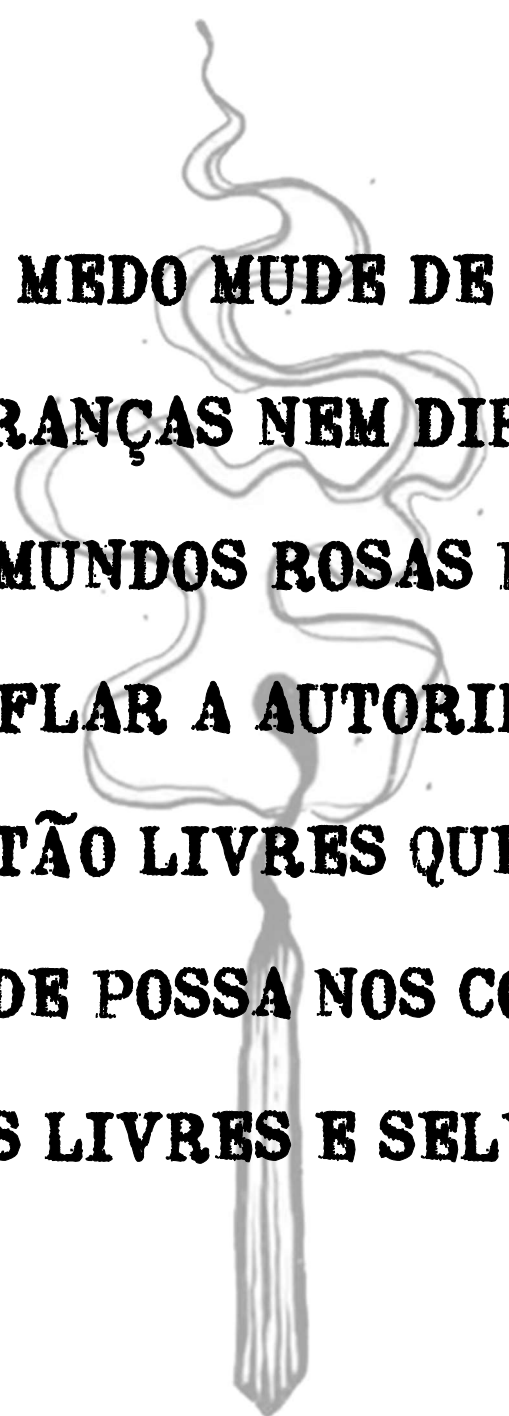
México, 16 de outubro de 2020



**PIRATEIA E DIFUNDE!
TODA PROPRIEDADE
EH UM ROUBO!**



Instagram: @anarkadistra
anarkadistra@noblogs.org



**QUE O MEDO MUDE DE LADO!
SEM LIDERANÇAS NEM DIRIGENTES!
SEM MUNDOS ROSAS PARA
CAMUFLAR A AUTORIDADE!
SEJAMOS TÃO LIVRES QUE NEM SUA
LEGALIDADE POSSA NOS CONTROLAR!
SEJAMOS LIVRES E SELVAGENS!**